



VENCER A DISTÂNCIA

Cinco Séculos dos Correios em Portugal



Museu das Comunicações

arica



Mar Atlantico

Tropicus Capricornij

AFRICA

EVROPA

BRASIA

Tropicus Capricornij

Mar Meridional





 Regis
 Portugali
 1574

UMA HISTÓRIA DOMINADA PELA AVENTURA

Haverá poucas histórias tão emocionantes como a do correio. A necessidade milenar e constante de os homens trocarem mensagens levou Reis, primeiro, e Estados, depois, a lançarem mão de todos os recursos possíveis para vencer a distância. Peregrinos, escudeiros, correios a cavalo, diligências da mala-posta e ambulâncias ferroviárias foram sendo sucessivamente usados, ao longo da história, para fazerem chegar missivas aos seus destinos. Ao mesmo tempo, inventou-se o selo e democratizou-se o acesso à correspondência, através da distribuição domiciliária, na altura denominada “Posta Pequena”. Depois, já no século 20, dando o melhor uso à evolução industrial e tecnológica, colocou-se o carro, o avião e o computador ao serviço da Posta, tornando a circulação tão veloz e eficiente como o mundo de hoje. A história dos correios é, afinal, uma ótima maneira de conhecer a história da evolução do mundo.

Planisfério representando
a Rota do Cabo.
Data: Séc. XVI



PEREGRINOS E ESCUDEIROS

Tal como aconteceu no resto do mundo, os primeiros serviços de correios portugueses são fruto da oportunidade e da necessidade. No primeiro caso, eram aproveitados os viajantes, especialmente os peregrinos, que levavam as mensagens destinadas a pessoas que poderiam encontrar nos seus destinos.

No segundo caso, estavam especialmente o Rei e a nobreza, que necessitavam de um serviço regular de comunicações para assegurar a concretização e o conhecimento por parte dos súbditos de actos políticos, diplomáticos e económicos. Não é pois de estranhar que o Rei reservasse para si o privilégio do controlo dos Correios, entregando-o, por vezes, a escudeiros e nobres fiéis, e escolhendo ele próprio os enviados especiais, tão romantizados na literatura e no cinema. A Igreja, por seu lado, tinha o seu próprio sistema, eficaz e seguro, assente nos membros das ordens religiosas.

Com o desenvolvimento do comércio entre os países, a burguesia mercantil criou os seus serviços privados de correios, que respondiam às necessidades específicas de cada corporação.

Com uma dispersão e exclusividade tão grande, era quase inexistente um serviço público de mensagens, ficando os cidadãos comuns privados de enviar e receber correspondência.

AS ESPECIARIAS E A INVENÇÃO DO CORREIO-MOR

Curiosamente, seriam os Descobrimientos a democratizar o acesso aos correios. A grande aventura da descoberta de Novos Mundos, iniciada no século XV, colocou Portugal no centro do mundo, obrigando a Coroa, a nobreza e a burguesia a contactos intensos com outros Estados e com mercadores. Mais do que nunca, impunha-se a existência de um serviço postal seguro e eficiente. Assim, D. Manuel I, logo em 6 de Novembro de 1520, publicou a Carta Régia que criava o ofício de Correio-Mor, entregando a gestão deste ao seu Cavaleiro Luís Homem. O serviço de Correio-Mor era público, isto é, qualquer cidadão, mediante o pagamento de uma quantia, podia utilizá-lo.

O Correio-Mor foi um cargo de nomeação régia até 1606, quando foi vendido, pelo Rei Filipe II, ao Marquês português Luís Gomes da Mata, pela quantia de 70 mil cruzados.

A família Gomes da Mata manteve a posse da exploração dos correios durante dois séculos, e procurou modernizar os serviços. Apesar disso, até ao século XVII, o serviço continuou a ser usado especialmente pela Coroa, pela nobreza e pelos homens de negócios, e a sua eficiência era limitada. O Correio-Mor fazia um serviço mais ditado pela solicitação dos utentes do que pela regularidade, e os correios, assim se chamavam os portadores da correspondência, tinham que se sujeitar a todas contingências, especialmente às condições climatéricas e à má qualidade das estradas, já que o envio era feito a pé ou a cavalo. A morosidade e a incerteza eram enormes. Por exemplo, o percurso Lisboa-Braga nunca demorava menos de sete dias. Para destinos além-mar, o envio era ainda mais lento e frágil, já que dependia totalmente dos navios e das suas rotas.



Quadro a óleo do 8º Correio-Mor Duarte de Sousa da Mata Coutinho (1674/1696).



Maqueta da Estação de Muda de Casal dos Carreiros (1856), da autoria de Raúl Campos, reconstituindo o ambiente que se vivia naquela lugar, no momento da partida da diligência.
Data: 1954



Aquarela de Cocheiro da Mala-Posta - 1798, da Autoria de Alberto de Sousa.
Data: Década de 1940

A CARRUAGEM DA MALA-POSTA

A pressão gerada pelo aumento imparável do número de utentes e as inúmeras críticas feitas ao serviço postal prestado pelo Correio-Mor levaram o Rei a incorporá-lo no Estado, em Janeiro de 1797. Para além do objectivo de tornar o serviço eficiente e totalmente público, o Estado pretendia chamar a si uma óptima fonte de rendimentos, e ter o controlo da informação que circulava por via postal.

Em Setembro de 1798, a administração central dava corpo ao seu projecto de correios, e publicava um documento revolucionário, a “Instrução para o estabelecimento das diligências entre Lisboa e Coimbra”, que deu origem à primeira carreira da Mala-Posta. As Mala-Postas eram diligências cuja função primária era a do transporte do correio, e garantiam, pela primeira vez, um serviço regular, realizando os percursos à segunda, quarta e sexta-feira. À mesma hora, cinco da manhã, uma diligência partia de Lisboa, enquanto outra saía de Coimbra. Com pernoita, o percurso só terminava às 21 horas do dia seguinte.

No entanto, o estabelecimento de carreiras regulares de Mala-Posta em todo o território nacional só seria feito 50 anos depois, com notável êxito, especialmente a carreira Lisboa-Porto. A Mala-Posta obrigou também à criação de infra-estruturas, das quais as mais conhecidas são as Estações de Muda, onde eram trocados os cavalos, que estão hoje classificadas como património técnico-industrial. A Mala-Posta só seria derrotada pela chegada do comboio, em 1864.

Ao mesmo tempo que criava a Mala-Posta, o Estado apostava decisivamente nas pequenas redes de correio, ou seja, na distribuição ao domicílio. O impulso fundamental veio do 1º Superintendente Geral dos

Correios e da Posta do Reino, Diogo de Mascarenhas Neto, que apresentou vários projectos decisivos para a reorganização funcional dos serviços. Em 1800, Mascarenhas Neto fazia aprovar o diploma da distribuição domiciliária de correio em Lisboa, criando 17 distritos postais, identificando ruas e números de casa, e contratando “portadores”, “moços vigorosos e fiéis”, os antepassados dos actuais carteiros, que faziam a distribuição porta a porta. Para receber e enviar cartas, os utentes tinham apenas de se inscrever, pagando uma pequena taxa, passando a constar do assento de assinantes.

Por outro lado, o diploma criou também as caixas postais públicas, que deram origem aos marcos de correio. Por dificuldades variadas, nomeadamente por não estar feita a identificação de todas as ruas e o cadastro das residências, a distribuição domiciliária para os lisboetas só começou a funcionar em 1821.



Carro de tracção animal de transporte urbano de correio.
Data: 1ª metade do Séc. XIX



CORREIO



A REVOLUÇÃO FUNDAMENTAL

Também nos Correios o “Fontismo”, nome genérico dado ao conjunto de reformas do Estado e do País impostas pelo ministro Fontes Pereira de Melo, a partir de 1852, deixou a sua marca fundamental. Logo neste ano, Fontes Pereira de Melo fez aprovar o diploma da Reforma Postal. Ainda hoje considerado a matriz do correio moderno português, o diploma dividiu o país em dez administrações postais, por sua vez subdivididas em direcções e delegações. Os funcionários passaram a pertencer aos quadros do Estado. Em relação ao tráfego, afinal o que é decisivo para o utente, a reforma consagrou o envio de malas diárias para as capitais de distrito, e com frequência trissemanal para as sedes concelhias.



Caixa Postal que era preconizado pela Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta, Caxas, e Portadores de Cartas em Lisboa, publicado em 1801. Sabe-se que esta caixa se encontrava instalada no 1º Districto Postal, (Districto do Mocambo) que era um dos dezoito, em que foi dividida a cidade de Lisboa quando da implementação a distribuição domiciliária das correspondências, após a Revolução Liberal.

Data: 1821

A grande inovação da posta domiciliária foi a obrigatoriedade do selo postal adesivo, que alterou completamente todo o funcionamento dos correios, já que o porte das cartas passou a ser pago pelo remetente e não pelo destinatário. No caso português, os primeiros selos, da autoria de Borja Freire, com a efígie da Rainha D. Maria II, e nas taxas de 5, 25, 50 e 100 réis, tornaram-se, até hoje, objectos de cobiça filatélica em todo o mundo.

Logo em 1866, os serviços de correio acompanharam o progresso, e, com a chegada do comboio, criaram a ambulância-postal ferroviária, uma carruagem postal, atrelada ao comboio, onde eram transportadas cartas e volumes para todo o território. A carruagem postal teve tanto êxito que só foi eliminada definitivamente 120 anos depois.

O Fontismo deu ainda origem a dois importantes acontecimentos. O primeiro foi a escolha de Lisboa, devido à fama alcançada pelos correios portugueses no mundo, graças à gestão brilhante do conselheiro Guilhermino de Barros, para a realização, em 1885, do congresso da União Postal Internacional. O segundo foi o estabelecimento da Posta Rural, em 1893, que fez chegar a correspondência aos locais mais remotos do território, tornando-o verdadeiramente acessível a toda a população.





Vistas do exterior e interior da estação do correio do Estoril, projectada pelo arq. Adelino Nunes. [Década de 1940]

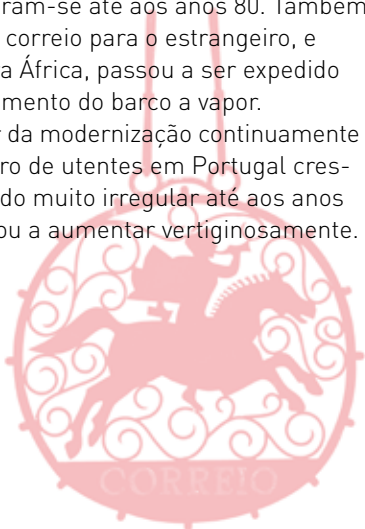
A CHEGADA DA MODERNIDADE

No longo período histórico que vai da implantação da República, em 1910, até à década de 1960, os Correios consolidam a sua organização e estrutura, ao mesmo tempo que procuram estar no pelotão da frente em tudo o que é inovação.

Logo nos primeiros anos da República, a Direcção-Geral dos Correios passou a Administração-Geral, cumprindo o ideal republicano de fazer chegar os seus serviços a todos os cidadãos nacionais. O Estado Novo irá manter este formato, aproveitando para centrar a aposta no crescimento do património para uso dos utentes, tendo-se assistido à construção de estações em todo o território nacional, sendo que algumas delas foram exemplo de vanguarda arquitectónica.

A nível do serviço e da distribuição, os correios acompanharam todos os desenvolvimentos no sector dos transportes. Para além do comboio, o automóvel tornou-se um veículo imprescindível, tendo a primeira auto-ambulância entrado em funcionamento logo em 1952, e, como autênticas estações itinerantes que eram, mantiveram-se até aos anos 80. Também na década de 60, o correio para o estrangeiro, e especialmente para África, passou a ser expedido por avião, em detrimento do barco a vapor.

No entanto, apesar da modernização continuamente efectuada, o número de utentes em Portugal cresceu sempre de modo muito irregular até aos anos 60, quando começou a aumentar vertiginosamente.





Móvel Divisor de Giros.
Data: Década de 1990

A SOFISTICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Logo em 1970, os correios passam a empresa pública, designada por CTT-Correios e Telecomunicações de Portugal.

Previendo que o futuro dos correios iria depender muito da velocidade da distribuição, é criado, logo em 1972, o Comboio Expresso Postal, que será o precursor de todos os serviços rápidos de correio surgidos nos anos 80 e 90.

No entanto, a medida organizacional mais importante é tomada no fim dos anos 70, quando surge o código postal, que permite um encaminhamento directo e electrónico da correspondência logo a partir da sua entrega.

Logo nos anos 80, a rodovia, por permitir a entrega do correio em todo o território, substitui definitivamente a ferrovia como meio preferencial de transporte da correspondência, e surgem as primeiras aplicações informáticas nas estações e centrais de tratamento, que começaram a funcionar em pleno no princípio dos anos 90.

Em 1992, os correios são separados das telecomunicações, criando-se uma nova empresa, os CTT-Correios de Portugal SA. A década de 90 é também o período onde a informatização é estendida a toda a rede, onde a mecanização postal atinge um grau de eficácia notável, e onde surgem e são utilizados massivamente novos serviços, que hoje fazem parte do imaginário de todos os portugueses, como o correio azul, o Post Log, ou o Corfac.

A entrada nos produtos financeiros é apenas o passo mais recente de uma empresa que há 500 anos que contribui decisivamente para o desenvolvimento de Portugal.

Endereço

Rua do Instituto Industrial, 16
1200-225 Lisboa

Tel: 21 39 351 59/08

Fax: 21 39 350 06

Nº Verde: 800 215 216

Email: museu@fpc.pt

Serviço Educativo (Visitas Guiadas)

Tel: 21 393 51 59/08

Horário

Segunda a Sexta das 10h às 18h

Sábado das 14h às 18h

Acessos

Metro: Estação Cais do Sodré (Linha Verde)

Comboio: Estações de Cais Sodré e Santos

Preços

Adultos – 2,50 Euros

Cartão jovem, cartão estudante,
adultos com mais de 65 anos – 1,25 Euros

Crianças até aos 12 anos,
grupos escolares e colaboradores
da PT, CTT e ANACOM – grátis

Parceiros Institucionais

Imprensa Nacional

Casa da Moeda

MUSEU DAS COMUNICAÇÕES

O Museu das Comunicações, parte integrante da Fundação Portuguesa das Comunicações, que tem a Portugal Telecom, os Correios de Portugal e a Anacom como instituidores, é um espaço cultural activo profundamente empenhado na partilha dos saberes das comunicações e das tecnologias de ponta.

O Museu reabre agora a sua exposição permanente, que traça uma história dos correios e das telecomunicações até aos dias de hoje, e mantém também activo um serviço educativo, que, na sua essência, pretende ser um contributo para a formação de uma sociedade do conhecimento em Portugal.



Ultrapassar a distância e a geografia foi desde sempre o objectivo principal do correio e das telecomunicações. A necessidade de comunicar ao longe levou o homem a aplicar o seu engenho na criação de sistemas e instrumentos que lhe permitissem enviar mensagens para lugares que de outro modo lhe seriam inacessíveis.

Portugal participou desde o início na profunda revolução social e económica criada pelo surgimento dos correios.

A mostra “Cinco Séculos dos Correios em Portugal”, que passará a constituir um dos dois núcleos permanentes do Museu das Comunicações, sendo o outro dedicado à História das Telecomunicações, pretende mostrar de que modo o serviço de correio se implantou e desenvolveu no nosso país.

